

O gênero *Chloropsis*

Jardine & Selby, 1827

Alamanno Capecchi Itália

Próprios das regiões orientais os *Chloropsis* são passeriformes de tamanho médio-pequeno (17 a 20 cm de envergadura) e de aspecto elegante. O nome italiano *verdini* é devido à plumagem que tem a cor de uma bela grama verde. Na maior parte das espécies os machos se distinguem facilmente das fêmeas pela presença de outras cores vivas e contrastantes: azul, alaranjada, amarela e negra. As asas são longas, os tarsos curtos e fortes, o bico fino e ligeiramente curvo. O canto é áspero, mas não é desagradável; eles têm muita habilidade em imitar o canto de outros pássaros. Preferem as matas fechadas, se expondo em pequenos grupos ou casais, entre as copas das árvores à procura de alimento.

Nutrem-se de insetos, frutas e sementes. Preferentemente procuram o néctar das flores e as bagas com visgo. É importante o papel deles para a polinização e reprodução de muitas espécies vegetais.

O ninho, pouco cuidado e em forma de taça é construído com gavinhas, fiapos de capim e fibras vegetais, bem escondido entre os ramos das árvores. O número de ovos postos é baixo: geralmente dois, raramente três. Tempo de incubação, cerca de 14 dias.

Classificação

Se todas as “listas” mais atualizadas e confiáveis concordam em subdividir o gênero *Chloropsis* em oito espécies, não existe ainda entre os estudiosos, depois de anos de trocas de opiniões, um consenso sobre categoria superior (Família).

Grzimek, na edição de 1971 anota: “A classificação dos Iredineos (Família Irenidae) não encontra concordância pelos



Chloropsis aurifrons

zoólogos. Distinguimos aqui 2 subfamílias: 1) Chloropseine (*Chloropseinae*) com dois gêneros e cerca de 12 espécies; 2) Ireninos (*Ireninae*), com um só gênero (*Irena*) e 2 espécies. Recentemente alguns ornitólogos porém têm colocado esta segunda família entre os Oriolídeos. Preferimos todavia não insistir numa seme-

lhante questão, ainda aberta, e seguimos o célebre zoólogo francês Jean Delacour, que reúne os Chloropseinos com os Ireninos na família dos Irenidos. Os primeiros, além da espécie do gênero *Chloropsis*, compreendem provavelmente também aqueles, bem diferentes, do gênero *Aegithina*”.

Sibley reúne na família Irenidae os gêneros *Irena* e *Chloropsis*.

Perrins na família Irenidae inclui somente as duas espécies do gênero *Irena* e coloca os gêneros *Chloropsis* e *Aegithina* na família Chloropseidae,

Howard e Moore, enfim, reúnem os três gêneros *Aegithina*, *Chloropsis* e *Irena* na família Irenidae.

CHLOROPSIS Jardine & Selby 1827

Chloropsis flavipennis (Tweeddale)
1878 “Verdino delle Filippine”
Cebu, Mindanao Is

Chloropsis palawanensis (Sharpe)
1877 “Verdino di Palawan”
Palawan I

Chloropsis sonnerati Jardine & Selby
1827 “Verdino maggiore”

C. s. sonnerati
Java

C.s.zosterops
S Thailand, Malaysia, Sumatra, Borneo
C.s.parvirostris
Nias I

Chloropsis cyanopogon (Temminck)
1829 “Verdino minore”

C.c.cyanopogon
S Burma, Thailand, Malaysia, Sumatra,
Borneo

C. c. septentrionalis
S Thailand

Chloropsis cochinchinensis (Gmelin)
1788 “Verdino ali azzurre”

C. c. cochinchinensis
Burma, SE Thailand, Cambodia, S Indochina

C. c. kinneari
E Thailand, N Indochina

C. c. serithai
S Thailand
C. c. moluccensis
S Thailand, Malaysia

C. c. icterocephala
S Malaysia, Sumatra
C.c.natunensis

Natuna Is
C.c.billitonis
Billiton I

C. c. viridinucha
Borneo

C. c. nigricollis
Java

C. c. jerdoni
S India, Sri Lanka

Chloropsis aurifrons (Temminck) 1829
“Verdino fronte dorata”

C. a. aurifrons
Himalayas, Burma, NE India

C. a. frontalis
C & S India

C. a. insularis
SW India, Sri Lanka

C. a. pridii

S Burma, N Thailand, N Laos

C. a. inornata

C & S Thailand, Cambogia, S Vietnam

C. a. incompta

SW Thailand, S Indochina

C.a.media

Sumatra

Chloropsis hardwickei Jardine & Selby
1830 “Verdino ventre arancio”

C. h. hardwickei

Burma, E Himalayas, N Thailand, N Vietnam

C. h. malayana

Malaysia

C. h. melliana

S China, N Vietnam

C.h.lazulina

Hainan I

Chloropsis venusta (Bonaparte) 1850
“Verdino mascherato”
Sumatra

Vida em cativeiro

Todas as aves do gênero *Chloropsis* são interessantes e agradáveis para se ter em cativeiro. Entre estes o *Chloropsis aurifrons* “verdino fronte dorata”, mais conhecido entre os apaixonados por exóticos com o nome de “tordo Del Malabar”, é frequentemente descrito nos livros dedicados aos avicultores do setor. Estas são as características somáticas minunciosamente



Chloropsis hardwickei

descritas por Vriends: “Comprimento de 20 cm. Gola azul e estrias negras nos olhos; garganta, pescoço e peito têm um reflexo púrpura; vértice amarelo. O peito é bordado por uma grande estria amarela. A curva das asas é azul, o dorso verde escuro, as partes inferiores verde cor de grama-clara; rêmiges amarronzadas, cauda amarela. Olhos marrons, bico negro, pernas cinza-azuladas. Na fêmea o negro é menos profundo, as cores e as manchas são mais opacas”. Leves diferenças de cor e de tamanho em relação à subespécie.

Alguns autores consideram sua criação de pouco empenho, mas Woolham adverte que “são bem delicados na fase de aclimação e devem ser mantidos em ambientes aquecidos, mesmo se adquiridos durante a estação de verão. Gaiolões espaçosos, banhos diários e uma escrupulosa limpeza são fatores essenciais para que possam superar sem danos o crítico período de aclimação. Uma vez superada a aclimação e alojados ao aberto, não se pode dizer que tudo foi resolvido: porque é necessário garantir um constante leve aquecimento do abrigo e transferi-los prontamente para ambiente fechado quando as condições climáticas aconselharem”.

Do mesmo modo é o parecer de Vriends que escreve: “Inútil dizer que durante o inverno é necessário manter estas aves em ambiente coberto (com cerca de 18° C de temperatura)”.

Cristina afirma que são robustos e resistentes a baixas temperaturas e durante o inverno é suficiente mantê-los em ambientes onde não baixem os 6-8 graus. Acrescenta que se domesticam facilmente e gostam de pegar larvas de farinha nas mãos.

O comportamento de confiança é confirmado por Bechtel com estas palavras: “também em grandes viveiros se domestica muito facilmente

Alimentação

A alimentação deve ser variada e bem equilibrada: biscoitos amolecidos em água e mel, frutas de polpa macia, laranjas, bananas, pequenas larvas de *Tenebrio molitor* e, como base, uma ração comercial apropriada para insetívoros. Sempre colocar à disposição água abundante e limpa (bebem muito e freqüentemente tomam banho).

Reprodução

Particularmente difícil. Bechtel (1976): “Até agora jamais foi reproduzido em cativeiro”. Mais possibilista foi Woolham (1979): “Espaço, abundância de vegeta-

ção e cuidados atentos são fatores que em geral levam, mais cedo ou mais tarde, a algum provável resultado”. Mas adverte que o *Chloropsis aurifrons* “verdino fronte dorata” “é espécie que coloca a dura prova a habilidade do criador (mesmo o mais experiente)”.

Experiência pessoal

Para um ornitófilo ter entre os amigos um importador de aves exóticas é uma sorte porque podem surgir ocasiões favoráveis. Um vez que a este amigo cheguem do sudeste asiático os “verdini” com a plumagem em grande parte descoberta e danificada por alimento líquido e pegajoso, colocado nas caixas sem a devida atenção. Uma boa parte consegue vender. Catorze, em péssimas condições, ninguém os quis e, como já tinha acontecido outras vezes, ele os colocou aos meus cuidados. Dizia sempre: “leve embora antes que morram todos”. Era seu modo de dizer “leve de presente”. Como primeira operação, tão logo cheguei em casa, peguei um a um e com uma esponjinha embebida em água morna lavei ao máximo as penas e as enxuguei e depois os coloquei todos juntos numa cômoda voadeira interna com bastante comida apropriada e os deixei tranquilos. No dia seguinte, embora tivessem as asas e as patas mais livres, poucos ocupavam os poleiros mais baixos. A maior parte ficava no chão com as penas fofas, com aspecto de sofrimento e a extrema magreza fazia presságios nada bons. Nos dias seguintes os mais magros e menores começaram a morrer. Consegui salvar oito, todos machos: sete *aurifrons* e um *hardwickii*. Morreram três *aurifrons* e outros quatro que não consegui classificar: talvez fossem uma subespécie de *Chloropsis cochinchinensis* ainda com roupagem juvenil.

Os sobreviventes alimentados com biscoitos amolecidos em água e mel, pedaços de laranja em rodela para evitar que enfiassem muito o bico na fruta e sujassem as penas da cabeça, uma boa ração comercial e larvas de insetos, pouco a pouco se recuperaram completamente.

Por cerca de um mês e meio na pequena colônia a vida transcorreu tranquilamente: comiam com apetite, tomavam os repetidos banhos e dedicavam a maior parte do tempo a cuidarem da plumagem. Depois, se aproximando do período reprodutivo o seu natural instinto territorial fez surgir as brigas e fui obrigado a intervir. Coloquei-os individualmente em gaiolas de canários já que exigiam muito tempo para a ma-

ntenção. Descartada a idéia de alojá-los no viveiro com as outras aves não me restou outra solução que reduzir o número. Fiquei com dois *aurifrons* e o *hardwickii*. Os outros levei para um amigo que me deu em troca dois casais de *Vidua fischeri*.

Para concluir, baseando-me também na experiência dos três machos seguidos por anos, acho que os *Chloropsis aurifrons* e *Chloropsis hardwickii* interessantes aves de gaiola mas, pelo tipo de alimentação demandada, com conseqüentes fezes líquidas, e a atitude de espalhar o alimento, esvaziando os recipientes da gaiola seguramente não são aves ideais de companhia.

A melhor coisa, como relatado em alguns livros, é alojar cada casal em viveiro adaptado e simular aproximadamente o seu hábitat natural, para estimular a reprodução. Para o *Chloropsis aurifrons* vimos que é difícil. Para o *Chloropsis hardwickii* Bechtel não tem dúvida: “Até agora jamais se reproduziu em cativeiro. O “até agora” se refere a 1986. De lá pra cá já transcorreu muito tempo e a situação pode ter mudado.

Bibliografia

- Austen, Singer, 1962 – Uccelli de mondo – A. Mondatori, Milano.
Grzimek, 1971 – Vita degli animali - vol 9°, Bramante, Milano
R. Massa, L. Bottoni, C. Violani, 1993 – Lista in lingua italiana degli uccelli di tutto il mondo - Università degli studi di Milano
R. Howard and A. Moore, 1991 – A complete Checklist of the birds of the World – Academic Press, London
Charles G. Sibley, 1996 - Birds of the World – Edizione su CD
Christopher M. Perrins, 1991 – Enciclopedia illustrata degli uccelli - A. Mondatori, Milano
M. Woodcock, H. Heinzel, 1987 – Handguide to the birds of the Indian Sub-Continent – Collins, London
B. King, M. Woodcock, E. C. Dickinson, 1984 – Birds of South-East Asia – Collins, London
Salim Ali, 1986 – Field guide to the birds of the Eastern Himalayas – Oxford University Press.
R. M. De Schauensee, 1989 – The birds of China - Oxford University Press.
D. Holmes, S. Nash, 1990 – The birds of Sumatra and Kalimantan - Oxford University Press.
D. Holmes, S. Nash, 1989 – The birds of Java and Bali - Oxford University Press.
J. E. du Pont, G. Sandstrom, John R. Peirce, 1971 – Philippine birds – Delaware Museum of Natural History, Greenville, Delaware.
F. Woolham, D. Avon, T. Tilford, 1979 – Avian Birds in Colour – Blandford Press, London
G. Mandahl-Barth, M.G. Peyrot-Maddalena, 1972 - Uccelli da gabbia e da voliera - Editrice S.A.I.E., Torino.
Matthew M. Vriends, 1985 - Uccelli da gabbia e da voliera – A. Mondatori, Milano
P. Cristina, 1969 – Uccelli da gabbia e voliera di tutto il mondo - U. Hoepli, Milano.
Helmut Bechtel, 1976 – Il libro degli uccelli da gabbia e da voliera – Muzzio editore, Padova

Tradução: PSF